

CAMINHOS E DESCAMINHOS DE UMA COEDUCAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES: A EXPERIÊNCIA DE PESQUISA REALIZADA NO PARQUE ELIANE EM TERESINA-PI

EDMARA DE CASTRO PINTO - UFPI¹

EFIGÊNIA ALVES NERES-UFPI²

INTRODUÇÃO: INQUIETAÇÕES SOBRE OS DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS

Os desejos e interesses em pesquisar sobre os Diálogos Intergeracionais emergiram de nossas inquietações frente às experiências vivenciadas durante as ações do Núcleo de Estudos e Pesquisas em “Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECI³”, e do Observatório de “Juventudes, Cultura de Paz em combate às violências na Escola – OBJUVE”, sob coordenação da Professora Doutora Maria do Carmo Alves do Bomfim, bem como das práticas do Projeto de Intercâmbio Científico- Cultural “Rodas de Culturas”, desenvolvido na comunidade Parque Eliane, localizada na zona sul da cidade de Teresina-PI, entre a Universidade Federal do Piauí/UFPI, a Universidade Estadual do Piauí- UESPI e a Università Degli Studi Di Verona – UNIVR/Itália.

Nas nossas idas ao Parque Eliane, uma área periférica, onde é possível se observar a ausência do Estado, tanto em infraestrutura quanto em serviços básicos como saúde, educação, transporte e segurança compreendemos a necessidade de estudar e lidar com a relação existente entre as diversas gerações na sociedade contemporânea.

¹ Mestre em Ciências da Educação, pela Universidade do Minho-UM- Portugal. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. Pesquisadora do NEPEGECI/OBJUVE/UFPI. Atualmente é professora Substituta do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal do Piauí- (Campus Parnaíba). edmaracastro@hotmail.com.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí-UFPI. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania – NEPEGECI e do Observatório de Juventudes, Culturas de Paz em Combate às Violências nas Escolas - OBJUVE. E-mail: efigeniaufpi@hotmail.com.

³ O NEPEGECI e o OBJUVE agregam docentes e discentes de Graduação dos Cursos de Pedagogia, da UFPI e, Pedagogia e História da UESPI, e Pós-Graduação da UFPI (Educação; Economia; Desenvolvimento e Meio Ambiente; Políticas Públicas; Antropologia e Arqueologia), bem como pessoas da comunidade (estudantes, docentes e integrantes de outras instituições ou não), que vem desenvolvendo projetos de pesquisas e extensão nas áreas temáticas constitutivas do eixo “Educação e Diversidades Culturais” em especial: “Educação e Gênero”, “Educação e Juventudes”, “Cultura de Paz e Violências na Escola”, “Educação e Relações Étnico-Raciais”, “Educação e Sociopoética”, “Educação e Afrodescendência”, “Educação e Sexualidade”.

Dáí derivou-se algumas indagações, dentre elas: Como vivem as diversas gerações atualmente? Que mudanças estão sendo sentidas? Há de fato, entre elas, conflitos, competição, cooperação, afetividade, indiferença, autoritarismo ou igualitarismo? É possível fomentar processos de educação recíproca entre as diferentes gerações? O lazer e a troca de experiências podem reduzir a segregação e preconceito entre as pessoas de idades muito distintas?

Foi então, com base nesses inúmeros questionamentos que resolvemos desenvolver este estudo. O ponto de partida foram os espaços de socialização e educativos da Casa de Artes e Culturas- CAC, localizada na comunidade supracitada, os espaços de vivências familiares e sociais- casa, igreja e Associação de Produção “Mulheres Perseverantes” dos sujeitos/as (jovens, adultos e idosos) envolvidos nesse processo de investigação e alguns pontos turísticos da cidade de Teresina- PI.

Este artigo, portanto, tem como objetivo central suscitar algumas experiências dessa pesquisa do Programa PIBIC/CNPq/UFPI, intitulada “A Construção de Diálogos Intergeracionais entre Jovens, Adultos e Idosos no Parque Eliane em Teresina- PI”, na busca da construção de uma cultura de paz, de relações harmônicas e de coeducação entre as gerações.

METODOLOGIA: AS TRILHAS DE UMA CAMINHADA

A pesquisa aqui apresentada teve como foco analisar a Construção de Diálogos Intergeracionais entre 20 jovens, adultos e idosos pertencentes a 05 famílias da comunidade Parque Eliane. A problemática envolvente foi refletir sobre a possibilidade ou não de fomentar neste espaço social processos de educação recíproca entre as diferentes gerações. Especificamente, buscou-se: a) identificar os símbolos e significados que caracterizam o “ser jovem”, o “ser adulto” e o “ser idoso” dentro das Práticas Culturais de Diálogos Intergeracionais, com vistas à melhoria das convivências humanas no espaço familiar, escolar, de lazer, na religião e na comunidade; b) definir tipos de Diálogos Intergeracionais praticados pelos jovens, adultos e idosos envolvidos na pesquisa e c) identificar impactos educativos e sociais decorrentes da construção de Diálogos Intergeracionais vivenciados em práticas socializadoras entre os/as sujeitos/as das famílias envolvidas.

Optamos neste trabalho pela pesquisa de natureza qualitativa inspirada nas orientações de Melluci (2005), em termos de estudo de caso, considerando que ela ajudaria em uma maior aproximação e diálogo com os jovens, adultos e idosos, bem como também adentrar o cotidiano do Parque Eliane de forma a perceber a concretude da construção dos diálogos intergeracionais na comunidade, captando além dos resultados, o processo de interação entre as pesquisadoras e sujeitos/as pesquisados.

Sobre esta mesma técnica de pesquisa, Oliveira (2011) contribui afirmando que

Qualquer problema não é simplesmente um problema dos sujeitos de minha pesquisa: é também meu problema- como participe da ação, como pesquisador e como alguém que se interroga diuturnamente sobre o sentido do seu fazer. Significa, portanto, um engajamento com aquilo que se faz. É assumir a responsabilidade pela extensão dos meus atos, averiguando, passo a passo, que implicações eles podem propiciar às pessoas, sejam elas mais velhas, sejam mais jovens. A realização delas será também a minha. (p.17-18).

Pensando assim, como forma de melhor adentrar no espaço pesquisado, utilizamos a Pesquisa-Ação como estratégia de aproximação, de vivência e convivência com as famílias do Parque Eliane, permitindo com isso a participação de todos/as os/as envolvidos/as no processo. A Pesquisa-Ação, para Thiollent (2007, p.16):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de problema coletivo, no qual os/as pesquisadores/as e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A mudança a que se propõe a Pesquisa-Ação pressupõe uma transformação de si, a partir da consciência da existência do/a outro/a e do mundo a sua volta, permitindo com isso a construção de outro ser humano, de outro mundo com possibilidades criadoras, autônomas e tendo como princípio a própria liberdade.

Com esta perspectiva, em todo o processo de investigação foram utilizados 4 (quatro) tipos de instrumentos de coleta de dados no âmbito da abordagem qualitativa: o Diário de Campo, os contatos pessoais diretos e eletrônicos, a observação participante e as oficinas para construção de histórias orais e escritas (narrativas de experiências).

Mais do que realizar oficinas e encontros com os/as sujeitos/as, coletar informações, ir a campo em datas programadas, ousamos mais nesse processo: vivenciamos o cotidiano destes jovens, adultos e idosos acreditando que só assim, poderíamos compreender como se constroem os diálogos entre as gerações. Frequentamos as atividades do CAC, conhecemos com os jovens toda a comunidade, participamos de rodas de capoeira, chegando até sem marcar horários, dialogamos com outras famílias, adentramos suas residências, e sem perceber nos tornamos mais do que pesquisadoras/es e sujeitas/os em processo de investigação: nos tornamos amigas/os e criamos laços afetivos.

Daí, apreendemos o quão é importante vivenciar espaços de diálogos e compartilhamentos de saberes e experiências como esses, que nos fazem conhecer e se fazer conhecer pelo outro, em um clima de confraternização e afetos que buscam a construção de relações igualitárias entre as gerações, sem perder de vista as diferenças. Valeu a pena!

Adentrar a realidade da comunidade a fundo, escutar e vivenciar experiências ao lado dessas famílias exigiu de nós, pesquisadoras/es, o reconhecimento do outro como ser capaz, produtivo e a abdicação da ideia de que nossos valores e conhecimentos são superiores e absolutos, como bem nos sugere Diógenes

[...] todo processo de investigação requer do pesquisador uma abertura. Abertura para ver, escutar, deixar mobilizar-se por processos pessoais que possam emergir nessas circunstâncias e que estão, assumidamente, relacionados aos movimentos esboçados no esforço da investigação. O desafio é deixar-se levar, atentamente, pelo rumo dos acontecimentos e, nesse fluxo, construir territórios de sentidos. O pesquisador é um eterno viajante que está sempre conectado e conectando vários mundos culturais. Ao sair de casa e adentrar outras esferas da vida social, ele investe energia e a recebe na mesma proporção. Ele se modifica e modifica o mundo. (DIÓGENES, 1998, p. 18).

Estes espaços de socialização e práticas educativas são construídos sob a ótica das experiências vividas em campo. Em muitas situações tivemos que nos despir da condição de pesquisadoras/es e, por isso, agora acreditamos que era exatamente nesses momentos que realmente, mais do que buscar respostas para nossas inquietações, estávamos envolvidos num processo de interação de sentimentos e amizades, embora com o distanciamento necessário para compreendermos mais profundamente as formas de construção dos diálogos intergeracionais. Sabemos, entretanto, que o exercício da

investigação ocorre durante todo processo de interação entre pesquisados/as e os pesquisadores, seja em atividades de lazer, confraternização ou nas oficinas.

CONSTRUINDO A COEDUCAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES NO PARQUE ELIANE

Trilhamos inúmeros caminhos que nos apontaram como se constroem os diálogos entre as gerações. Uma das experiências mais valiosas nesse sentido foi à realização de uma partida de futebol no Estádio Albertão de Teresina-PI, organizada pelo Prof. Francisco Waldílio de Sousa, que na época de nossa pesquisa também executava conjuntamente seu projeto de Mestrado em Educação intitulado “Práticas educativas para a prevenção primária ao uso de drogas com crianças e adolescentes do Parque Eliane em Teresina-PI”, que objetivava treinar crianças e adolescentes em práticas de valorização humana, hábitos de vida saudável e respeito ao meio ambiente, com fins de desenvolverem na sua comunidade, junto as suas famílias, campanhas de prevenção ao uso de drogas.

Na ocasião, tivemos a oportunidade de contar com a presença de todos os jovens partícipes de nossa pesquisa e alguns de seus pais e mães, representando a geração adulta. Lá, observamos as relações intergeracionais construídas entre esses sujeitos/as: relações de afeto, brincadeiras, em que a idade representou apenas um marco da história de vida daqueles sujeitos maduros ou a amadurecer.

Planejamos a partida de futebol a fim de possibilitar um ambiente de diálogo, construção da paz e convivência fraterna entre os pais, mães, idosos e jovens da comunidade. No evento, além de nós pesquisadores/as e os partícipes das duas pesquisas, mencionadas neste trabalho (realizadas conjuntamente) estavam presentes pessoas de outras instituições teresinenses: a Polícia Militar e a Fazenda da Paz. Sem dúvidas, foi um momento ímpar, em que numa manhã de domingo, na principal arena esportiva do Piauí- o Estádio Albertão, participaram de um encontro tão prazeroso, jovens, pais e mães de crianças moradoras do Parque Eliane- partícipes da pesquisa em questão e de atividades de prevenção primária ao uso de drogas naquela comunidade, jovens em situação de tratamento de dependência química da comunidade terapêutica

“Fazenda da Paz” e jovens Policiais Militares do Batalhão de Rondas Ostensivas de Natureza Especial- RONE/ PMPI.

Além, dos objetivos citados, almejamos com este encontro, sobretudo, proporcionar a construção de “Redes de Cidadania”, que envolvem diferentes segmentos da sociedade teresinense, no intuito de se refletir sobre a importância de cultivar relações harmônicas entre as pessoas e construir hábitos de vida saudáveis. O referido encontro, que denominamos “*Futebol da integração, construindo cidadania*”, representou, portanto, indubitavelmente, uma grande relevância social, compondo-se também de uma dimensão simbólica externamente significativa, visto que foi um espaço para a desconstrução de preconceitos e quebra de paradigmas, em que foi dado ênfase ao respeito ao próximo e aos direitos da pessoa humana.

Outra experiência de suma importância foi um encontro realizado no pátio da Casa de Artes e Culturas à noite, com o objetivo de socializarmos os resultados das experiências de pesquisa já desenvolvidas na comunidade e criar um ambiente de diálogo entre os participantes dessas atividades, neste caso, jovens, adultos e idosos das famílias e também outras pessoas da comunidade. Foram realizadas brincadeiras, conversas abertas com a participação de todos, exibição de fotos do jogo realizado no Estádio Albertão, dos passeios realizados com os jovens, vídeos educativos e, no final, como símbolo de confraternização foi distribuído um lanche.

Nesse contexto, podemos evidenciar que nossas atividades apoiaram-se, sobremaneira, na prática da escuta sensível, imprescindível, segundo Barbier (2002, p.93), para a nova pesquisa-ação. Seja nas conversas antes e depois dos encontros, dentro do ônibus a caminho do Albertão, nos passeios com os jovens, na hora do lanche, dinâmicas, brincadeiras, lá estávamos nós, praticando este modo de “escutar/ver” que se apoia na empatia, em que o pesquisador busca “sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro”.

A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto, aderir as opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado. A escuta sensível afirma a coerência do pesquisador (BARBIER, 2002, p.94).

Nesse sentido, buscamos em todos os encontros, oficinas e conversas com os jovens, adultos e idosos da presente pesquisa, compreender esses aprendentes e

entender suas experiências plurais. O nosso maior esforço foi no intuito de proporcionar encontros, fomentar diálogos e pensar numa ação que enseje o exercício da cidadania e convivência fraterna.

CONCLUSÕES

Como podemos compreender a partir das discussões levantadas sobre a construção dos Diálogos Intergeracionais entre jovens, adultos e idosos, Ferrigno (2010) em seus estudos se interroga sobre o que é necessário para realizar uma coeducação entre as gerações, fundamentada na premissa da igualdade de direitos, respeito às diferenças, voltada ao compartilhamento de valores culturais e a ruptura com o preconceito etário entre jovens, adultos e idosos.

Gomes (2006) contribui com essa ideia quando salienta que o trato pedagógico da diversidade é algo complexo, pois exige o reconhecimento da diferença, e ao mesmo tempo, o estabelecimento de padrões de respeito, de ética e a garantia dos direitos sociais.

Educar para a diversidade é fazer das diferenças um triunfo, explorá-las na sua riqueza, possibilitar a troca, proceder como grupo, entender que o acontecer humano é dentro de avanços e limites. E que a busca do novo, do diverso, que impulsiona a nossa vida deve nos orientar para a adoção de práticas pedagógicas, sociais e políticas em que as diferenças sejam entendidas como parte de nossa vivência, e não como algo exótico ou como desvio ou desvantagem.

Neste sentido, a Educação para a Paz, proposta intrínseca deste trabalho, é entendida conforme observa Matos (2008) como um processo permanente, em que deve ser ressaltado o conceito positivo de paz, com a consciência de que os conflitos existem e podem ser trabalhados com respeito, diálogo e compromisso. Assim, sob a óptica de Torres (2001), a educação para a paz requer uma mudança na forma de pensamento, uma mudança de atitude e de paradigmas de comportamento.

É nessa perspectiva que Miranda (2010) reafirma que aos idosos cabe à quebra de estereótipos quanto às possibilidades e tempos de viver, os quais comumente o indivíduo não se permitiu experimentar ao longo dos anos. Os jovens e adultos por sua vez, são importantes para os idosos, pois o convívio desenvolve neles/as maior

flexibilidade em relação a novos valores e comportamentos, além de lhes possibilitar um maior acesso às novas tecnologias. Para os jovens e adultos, trata-se de observar e ensaiar a experiência da velhice vindoura, bem como as diversas formas de conviver com ela.

Assim, estudar e lidar com a construção de Diálogos Intergeracionais é fundamental para ajudar na inclusão social de jovens, adultos e idosos enriquecendo-os mutuamente e desenvolvendo a tolerância e a solidariedade e amenizando, portanto, os efeitos deletérios do preconceito etário. Oliveira (2011) acrescenta a respeito com uma linda fala que expressa a importância da construção de Diálogos Intergeracionais entre jovens, adultos e idosos, afirmando que neste processo eles

Caminham, conversam, discutem, alegram-se, contradizem-se, buscam superar dificuldades, entram em conflitos, sofrem, brincam, cantam, magoam-se mutuamente, refazem-se e são capazes ainda de encontrar felicidade num sorriso, num doce ou numa expressão carinhosa, tendo as mãos enlaçadas, em sinal de segurança e afeto. Quando passeiam, jovens, adultos e idosos não estão perdendo tempo, estão ganhando vida.

Com base nas considerações expostas podemos compreender que a ideia de coeducação entre gerações e de uma educação para a paz pressupõe o compartilhamento de ações e a não hierarquização entre os sujeitos do processo, uma troca afetiva e igualitária de experiências que transcende a obviedade de expectativas anteriormente estabelecidas. O outro é um universo capaz de surpreender (MIRANDA, 2010, p.15). Relações em que a idade não se configure como elemento restritivo da capacidade de integração e socialização dos indivíduos, mas que seja apenas um marco da trajetória presente de homens e mulheres, maduros ou a amadurecer.

Referências Bibliográficas

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2002.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre Gerações**. 2ª ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade Cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. **In: _____**. **Educação como prática da diferença**.

ABRAMOWICZ, Anete; BARBOSA, Maria de Assunção, SILVÉRIO, Valter Roberto.(Orgs). Campinas, SP. Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006. p. 21-40.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. CASTRO, Livia Maria Duarte. NASCIMENTO, Elizangela Lima do. Semeando a paz: escolas e sujeitos em busca de valores. **In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. NASCIMENTO, Verônica Salgueiro do. NONATO JUNIOR, Raimundo (Org.)**. **Cultura de paz: do conhecimento à sabedoria**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MELLUCI, Alberto. **Por uma Sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MIRANDA, Danilo Santos de. Aprender com o outro e surpreender-se. **In: FERRIGNO, José Carlos. Coeducação entre Gerações**. 2ª. ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2010. p. 13-15..

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Vidas Compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.

TORRES, T.C. O educador como protagonista da paz. Projeto Paz nas Escolas. GDE-SE-SUBEP, 2001.